

IGNACIO DE AZEVEDO



ENSAIOS  
LITTERARIOS



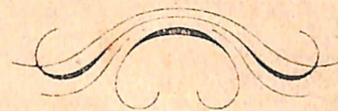


ENSAIOS

LITTERARIOS

DE

IGNACIO DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA FRANCEZA DE FREDERICO ARFVEDSON  
largo da Carioca 11

1862



*Ignacio de Azevedo.*

—  
Typos de J. DEPAGE, rua da Assembléa 83  
—

Liberal em politica, liberal em religião, moço com 17 annos apenas e inimigo de limar as minhas phrases para que não vão ferir o melindre, a castidade, ou os preconceitos de qualquer pessoa, estou bem certo, leitores, que o meu trabalho agradará a pouca gente.

Seja como fôr, leitores, ahí vos envio o meu livro ; é inutil o tentardes cortar-me as azas ; não as tenho.

Vi o altivo condor ferir as nuvens com suas azas negras e tentei subir, louco desejo que morreu triste no meu coração reconhecendo minha fraqueza.

Cahi, mas não vos levanteis agora cobardes contra mim. Um autor que cahe é um doente que morre.

Se quizerdes amaldiçoar o filho de uma cabeça juvenil trocai antes este desejo cantando pelo pai a melodia dos mortos.

# A ORPHÃ DE ALENÇON

Drama em cinco actos e seis quadros

PERSONAGENS DO DRAMA

O visconde Alberto de Maury.  
O marquez de Alençon.  
O cavalheiro de Saint-Bernard.  
O duque de Verneuilles.  
Alice.  
A condessa Helena.  
A marqueza de Alençon.  
A viscondessa de Maury.  
Uma criada.  
1º medico.  
2º medico.  
Um criado.

Cavalheiros, damas, etc.

Epoca, actualidade.

## DENOMINAÇÃO DOS QUADROS

- 1º O festim da condessa Hellena.
- 2º O legado ao duque de Verneuilles.
- 3º A criada e o visconde.
- 4º Alberto e a marquezia.
- 5º O ciúme do marquez.
- 6º A vingança.

A scena passa-se no 1º quadro em Veneza; no 2º na Normandia na cidade de Alençon; no 3º e 4º em Pariz 11 annos depois; no 5º e 6º cinco mezes depois.

À ORPHÃ  
DE ALENÇON

ACTO PRIMEIRO

Primeiro quadro. O festim da condessa Hellena.

O scenario deve estar dividido em duas partes, separada a primeira da segunda por columnas, uma na frente e outra no fundo. Na da frente, que deve ser mobiliada e illuminada com luxo, acha-se uma mesa de banquete em redor da qual estão sentadas diversas pessoas, entre ellas notaremos o visconde de Maury, o cavalheiro de Saint-Bernard e a condessa Hellena.

O do fundo, todo illuminado, tem diversas mesas de jogo; do lado esquerdo e no fundo ha portas.

A scena passa-se em Veneza, é noite. Apenas levantar-se o panno a condessa sahirá de seu lugar, e approximando-se á orchestra cantará a aria da *Traviata* do primeiro acto *I bibiamo*, tendo em sua mão um copo de Champagne. Os convivas de vez em quando a interrompem com bravos; finalmente quando terminar o visconde propõe a sua saude, que é correspondida geralmente.

Então levantão-se todos, o visconde acompanha a condessa até ás columnas que dividem o salão da frente e do fundo, depois beija-lhe a mão e torna a entrar para o salão do banquete. A condessa, e todos os convivas, á excepção do visconde e do cavalheiro, sahem pela porta da direita do salão do fundo.

SCENA I

O VISCONDE e o CAVALHEIRO DE SAINT-BERNARD

O CAVALHEIRO, *rindo-se.*

Pelo que vejo estas apaixonado pela condessa?

VISCONDE, *com um ar especial.*

Quem? eu apaixonado? se me perguntasses se estava-

mos em Pekim, palavra de honra que me não admiraria tanto.

CAVALHEIRO, *admirado.*

Como?

VISCONDE.

Pois não sabes, meu cavalheiro, que nunca fiz a asneira de me apaixonar? Conheci que a condessa havia sympathisado comigo, offereceu-me uma ceia, era impossível faltar a um convite desta ordem.

CAVALHEIRO.

E só por isso deixaste de partir para Napoles?

VISCONDE.

Certamente que para ceiar com a condessa e com os seus convidados, não havia eu de deixar de partir, o cavalheiro finge não perceber.

CAVALHEIRO.

Agora começo a comprehender-te... Palavra, visconde, que dou-te razão em não teres partido de Veneza. Mas dize-me, meu amigo, como deixou-te o marquez vir a este festim? A condessa é tão conhecida por sua fama...

VISCONDE.

Bem sabes que o unico impedimento que elle sempre apresenta é fallar, fallar, e fallar; que faço eu, não o escuto.

Diz-me todos os dias que me perco com a vida que passo; é louco o marquez.

Eu bem conheço que isto tudo é devido á sua amizade, mas o diabo leve semelhante cuidado.

CAVALHEIRO.

E porque toleras estas cousas?

VISCONDE.

Ah!... elle foi um amigo de meu pai....

CAVALHEIRO.

Que te importas com isso, teu pai foi seu amigo, talvez quando elle fosse mais moço, mas agora rabugento e severo?... Os mentores servião nos tempos dos Gregos, mas hoje? Bofé que seria ridiculo. Quando eras meu companheiro no collegio de Henrique IV não eras assim...

VISCONDE, *com raiva.*

São os maldittos conselhos do marquez que me têm sujeitado á sua severidade; prohibe-me de ir a divertimentos, de ter liberdade, e finalmente acaba tudo com sua phrase predilecta—Gaste menos, seja mais economico.

CAVALHEIRO.

É que te quer arranjar para alguma sobrinha; quando elle te fallar em tuas despezas, visconde, pergunta-lhe se quando foi moço foi tão economico, tão avarento!...

## SCENA II

Os DITOS e o MARQUEZ DE ALENÇON.

O MARQUEZ, *entrando.*

Não era cauteloso, e por isso é que aconselho aos meus amigos que o sejão...

O CAVALHEIRO, *á parte.*

Que visita a proposito (*sauda ao marquez que entra.*)

O VISCONDE *ao cavalheiro.*

Nada de mais massante (*comprimentando o marquez.*)

MARQUEZ.

O que lucrei eu e todos aquelles que gastarão libras e mais libras em festins e perdição? Estas quantias, que poderiam servir para tanta cousa, servirão-nos de que?

Vós, mancebos, vos revoltais contra quem vos dá conselhos, porque julgais sempre que é o máo interesse que os dicta. Não vêdes, mancebos, que o homem que vos aconselha tem por si as cans da velhice, unica moeda com que se compra a experiencia.

Mas deixemo-nos de fallar nisso, passemos ao mais necessario.

*(Ouve-se tocar uma valsa dentro.)*

CAVALHEIRO, *á parte.*

Antes que a scena se torne mais pathetica, vamos dansar uma valsa, *(alto)* Sr. marquez.

*(O cavalheiro saúda ao marquez, elle lhe corresponde e o cavalheiro sahe.)*

SCENA III

O MARQUEZ e o VISCONDE.

VISCONDE.

Ainda que vos mal pergunte, Sr. marquez, fostes convidado pela condessa?

MARQUEZ.

Eu bem te comprehendo, visconde, dizes que me vá embora; não posso deixar-te aqui.

VISCONDE.

E porque?

MARQUEZ.

Porque é preciso partirmos amanhã para França, porque tua mãe está mal.

VISCONDE *(triste.)*

Minha mãe!

MARQUEZ.

Eu te procurei, visconde, por toda a parte, e foi n'uma orgia que te vim encontrar para dar esta noticia. Mas paciencia, é tempo ainda de sahir, deixa esta casa de perdição, vem preparar-te para partirmos amanhã para Alençon.

VISCONDE.

Pois bem, partirei amanhã, mas hoje não posso sahir d'aqui.

MARQUEZ.

Fica, e eu junto de ti te guardarei do veneno desta odalisca, depois de acabado o festim partiremos.

VISCONDE, *cynicamente.*

Ainda ficarei.

MARQUEZ.

E como? depois de acabado o festim a condessa precisará dormir.

VISCONDE.

Qu'importa que ella durma? *(quer sahir.)*

O MARQUEZ, *agarrando-lhe no braço.*

Que pretendes fazer?

VISCONDE, *sahindo e rindo-se.*

O mesmo que se faz em Pariz. *(sahe.)*

MARQUEZ.

E tua mãe? *(o marquez abaixa a cabeça.)*

## SCENA IV

## O MARQUEZ e o CAVALHEIRO.

CAVALHEIRO, *entrando.*

Ah! que estou fatigado... *(vendo o marquez)* ainda por aqui, meu caro marquez.

MARQUEZ.

É verdade, cavalheiro.

CAVALHEIRO.

Não quer vir dansar um pouco, está tão triste?

MARQUEZ.

Sou velho de mais para um convite desta ordem.

CAVALHEIRO.

Como? explicai-vos, marquez.

MARQUEZ.

As mulheres perdidas como a condessa Hellena convidão aos mancebos como vós para fruirem longe de suas familias aquillo que ellas legárão a seus maridos á face do altar; não ousão porém insultar a velhice offertando-lhes prazeres que se elles aceitassem mancharião suas familias.

CAVALHEIRO.

Como, marquez, dizeis que a condessa é uma mulher perdida?

MARQUEZ.

E vós, que sabeis melhor do que eu, me perguntais se disse? e não creiais que seja eu capaz de nega-lo, como ella são quasi todas estas titulares de Veneza e de Italia...

CAVALHEIRO, *maliciosamente.*

E as de Pariz, marquez?...

MARQUEZ, *perturbado.*

E as de Pariz tambem, de todo o mundo; ellas não fazem caso de envergonhar seus maridos, de manchar seus filhos, e aviltar seu nome... Perguntai á condessa por seu marido, ella dirá...

CAVALHEIRO.

Que se está divertindo com ella.

MARQUEZ.

Dirá outra cousa.

CAVALHEIRO.

Ha pouco perguntei-lhe por elle; e de que vos admirais, Sr. marquez, este é um contracto que assignão os consortes dos paizes onde não é permittida a polygamia; que ambos os consortes têm liberdade plena; o marido não tem que vigiar a mulher, a mulher não tem que pedir contas a seu marido.

Eis a razão por que não me caso, marquez, não quero me ver na triste posição de quando procurar em qualquer hotel alguma condessa, encontrar a Sra. de Saint-Bernard com algum cavalheiro.

MARQUEZ, *á parte.*

Desgraçadamente é assim.

CAVALHEIRO.

Desde que no throno da nossa bella França Francisco I subio os degrãos, que esta medida foi declarada necessaria pelas camaras de Pariz. Ah! eis que vem a condessa.

MARQUEZ.

Evito encontrar-me com ella (*sahindo*); assim como assim o visconde está perdido se Deos não o salvar; adeos, cavalheiro; adeos, condessa Hellena, mulher terrivel que com teu veneno de serpente assassinas a mocidade (*sahé.*)

SCENA V

A CONDESSA, o VISCONDE, o CAVALHEIRO,  
FIDALGOS, DAMAS, etc.

O visconde e a condessa, que vêm de braços, approxi-  
mão-se da frente da scena e conversão; os outros convida-  
dos conversão com as damas.

CONDESSA.

Antes de entrardes no jogo quero vos fazer um convite,  
visconde.

VISCONDE.

E inutil que vos diga, condessa, que podeis ordenar, eu  
obedeço.

CONDESSA.

Convido-vos para uma partida de florete depois do baile.

VISCONDE.

De muito seja grado aceito, e ajunto um pedido, é que  
seja sem luvas.

CONDESSA.

Então até logo. (*dá a mão ao visconde elle beija-a.*)

VISCONDE.

Visto ser do agrado da Sra. condessa, ao jogo, meus  
senhores (*todos encaminhão-se para a sala do jogo, a orches-  
tra tocará logo uma musica agradável para deleitar os  
ouvidos dos jogadores; apenas a orchestra começar a tocar  
cahe o panno.*)

Segundo quadro. O legado ao duque de Verneuilles.

Representa a scena uma sala simplesmente mobiliada na cidade de Alençon na Normandia, tem no fundo duas janellas, e portas de ambos os lados. No fundo do lado direito ha uma cama coberta com um cortinado de renda. Na frente do lado esquerdo ha um divan onde está deitada a viscondessa de Maury, toda agasalhada. É noite; a sala é apenas esclarecida por uma lamparina.

Apenas levantar-se o panno as rabecas executarão um tremulo. A viscondessa está dormindo. Perto do divan na cabeceira da viscondessa está uma mesa, com uma campainha. Pouco a pouco vai a viscondessa despertando, levanta-se e encosta-se nas almofadas.

SCENA I

A VISCONDESSA com uma voz fraca, depois a CRIADA.

Ah! que sonho terrivel, pareceu-me ver minha filha ser-me roubada de meus braços e morrer á mãos de salteadores! que sonho! Quanto és bello e agradável, despertar!... contigo morrem estas illusões que quasi me matarão. Já não é bastante a phthysica, esta molestia que vai nos tirando a força, para o meu martyrio; ainda quando fatigada procuro um allivio no somno, até ahi mesmo vem despertar-se phantasmas para me incommodarem. Quando

estou acordada soffro martyrios da realidade, quando durmo padeço os da illusão. Se por acaso fosse possível este sonho!... ah! não; Deos, que é figura da justiça, não podia arrancar de uma pobre mãe a unica cousa que a prende á terra... A minha Alice, a minha Alice, Deos deixará para minha companhia *(tosse.)*

Ha sete annos que morreu o meu querido esposo o visconde de Maury; meu filho Alberto foi arrancado do meu seio para ser cumprida a vontade de seu pai. Ha um anno que elle viaja com o marquez de Alençon, emquanto que eu vivo aqui solitaria, cercada apenas de poucos amigos; a minha Alice é a unica pessoa neste mundo que me faz sorrir, é impossivel que este ultimo thesouro me seja roubado... *(tosse... pausa.)* Já deve ser tarde *(toca a campainha, depois de uma pequena demora chega uma criada.)*

Alice está dormindo socegada?

CRIDA.

Acordou agora.

VISCONDESSA.

Que horas são?

CRIDA

Meia noite.

VISCONDESSA.

Vai á casa do Sr. duque de Verneuilles e diz-lhe que lhe quero fallar.

CRIDA.

O Sr. duque está na sala com o medico.

VISCONDESSA.

Vai chama-lo. *(A criada sahe.)*

## SCENA II

## A VISCONDESSA e o DUQUE.

DUQUE.

O que quer V. Ex., Sra. viscondessa?

VISCONDESSA *(tosse.)*

Sentai-vos, meu amigo, vamos conversar... *(o duque traz uma cadeira para perto della e senta-se.)* Mas antes, dizei-me, como estaveis aqui?

DUQUE.

Hoje não me retirei de vossa casa para demorar o medico.

VISCONDESSA *(tosse.)*

Então estou muito mal?

DUQUE.

Não, Sra. viscondessa, mas como V. Ex...

VISCONDESSA.

A vossa amizade é que faz consolar-me, eu sei que morro, e é inutil querer enganar-me.

DUQUE, *afflicto.*

Sra. viscondessa.

VISCONDESSA.

Duque, eu bem sei quem sois e do que sois capaz, por isso quero vos pedir um favor, quando eu morrer...

DUQUE, *interrompendo-a.*

Não falleis nisso...

## VISCONDESSA.

É preciso que eu falle ; tenho uma filha, a minha pobre Alice, que tem apenas nove annos de idade, se eu morrer é preciso que alguém a ajude e a socorra.

Alberto está longe, já lhe tenho escripto diversas cartas chamando-o, elle não vem, não sei qual foi seu destino.

O marquez ha um mez que me não escreve, é preciso que eu trate da minha pobre Alice. Além disso ella é pobre porque seu irmão tem gasto toda a sua fortuna, ella precisa de um amparo ; duque, servi-lhe de pai (*ella desmaia.*)

DUQUE, *olhando-a.*

O que tem, Sra. viscondessa?... doutor... doutor...

## SCENA III

Os DITOS, o MEDICO, e a MENINA ALICE depois.

DUQUE.

Doutor, acudi á viscondessa...

DOUTOR, *apalpando os pulsos e examinando.*

Está morta...

ALICE, *entrando.*

Mamã! mamã!

DUQUE, *abraçando a menina.*

Abraça a teu pai, minha filha, porque já não tens mãi!

ALICE, *chegando-se para junto do divan, beija a testa da mãi e ajoelhando-se depois diz:*

Mãi, pede a Deos por tua filha!

## ACTO SEGUNDO

## Terceiro quadro. A criada e o visconde.

O scenario representa uma sala de jantar em casa do marquez de Alençon ; a sala tem duas portas de cada um dos lados, quatro janellas no fundo. No meio da casa ha uma mesa de jantar, regular no tamanho, algumas cadeiras, e quatro quadros, dous dos lados e dous no fundo no intervallo das janellas. É dia. Um dos quadros tem pintado Paulo e Virginia, em outro Julieta e Romeo, em outro D. Juan e Haidéa, no ultimo Tasso na prisão, Ha aparadores, etc.

## SCENA I

## O VISCONDE e o CAVALHEIRO.

VISCONDE.

Entra sem ceremonias ; o marquez não está em casa, nem sua amavel esposa ; podes apreciar a casa sem cuidado.

CAVALHEIRO.

Para que me não disseste isto ha mais tempo, estava na verdade constrangido.

VISCONDE, *chegando a uma das janellas.*

Aprecia, meu caro, a vista soberba deste palacio (*o cavalheiro aproxima-se da janella ;*) vê-se todo Pariz.

CAVALHEIRO

É verdade, lá está a Magdalena ; lá a rua de Rivoli ; alli os Campos Elysios ; mais longe a Concordia ; vê-se as Tullerias.

VISCONDE.

E o Sena como é soberbo perto da Ponte-Nova.

CAVALHEIRO.

Tem uma bella vista (*sahem ambos da janella*); é grande a sala de jantar do marquez (*olhando para o arranjo da casa*); tudo simples, porém de gosto; a marqueza é incontestavelmente uma senhora do tom!

A proposito da marqueza, como vais com os teus amores?

VISCONDE.

Com a marqueza?

CAVALHEIRO.

Eu fallo dos com tua criada.

VISCONDE.

Ah! vai-se indo bem, ella parece-me que não tem antipathisado comigo.

CAVALHEIRO, *aproximando-se dos quadros.*

Bellas pinturas, Paulo e Virginia; linda lição, Alberto, para a tua criada (*continuando a ver*); Julieta e Romeo; já chegaste aqui, é o capitulo segundo das conquistas.

VISCONDE.

Detesto o platonismo, sou da escola materialista (*aponta para os outros dous retratos*); começa-se como Tasso e acaba-se como D. Juan. A Eleonora de Tasso não chegou a ser uma Haídéa porque Affonso d'Est teve a habilidade de o deixar encarcerado.

CAVALHEIRO.

Muito bem, visconde, militas sempre nas mesmas fileiras. Mas dize-me então, tens feito muita poesia?

VISCONDE.

E para que? Tasso as fazia porque era feio e não achava

bastante seu physico, eu porém me satisfaço em repetir á minha Eleonora plebéa que a amo. Depois, meu amigo, ando mais adiantado, estou hoje disposto a tentar o ultimo ataque e duvido que por mais valente que ella seja não se renda.

CAVALHEIRO, *olhando para o relógio.*

E com a conversação me ia esquecendo das horas, adeos meu amigo; parto amanhã para Napoles...

VISCONDE.

Devias ao menos jantar comnosco hoje.

CAVALHEIRO.

Não me é possível; parto amanhã e tenho de fazer ainda algumas visitas.

VISCONDE.

Então dá-me um abraço e sê feliz na tua carreira diplomatica. (*Abração-se, e sahe o cavalheiro.*)

SCENA II

O VISCONDE e ALICE.

o VISCONDE, *olhando para a porta da direita.*

Oh! lá vem a minha encantadora Alice.

ALICE, *entrando.*

Bons dias, Sr. visconde.

VISCONDE.

Bons dias, Alice, como estás hoje linda.

ALICE.

E' bondade vossa, Sr. visconde.

VISCONDE.

Deixa, Alice, esta modestia excessiva, e acredita no que te digo, és bella como a rosa perfumada dos jardins dos anjos.

ALICE.

Zombais de mim, Sr. visconde !...

VISCONDE.

E podes crer que eu, que te amo com um amor immenso, queira zombar de ti? Ainda mesmo quando eu quizesse, ser-me-hia impossivel; como zombar-se dos anjos, como zombar-se das flôres?

ALICE.

Senhor. (*Quer sahir.*)

VISCONDE, *detendo-a.*

Oh! espera, ouve ao menos a paixão que eu tenho por ti, escuta o que tenho feito por causa della. Não basta, para que me conheças, o saberes que me humilho a teus pés, eu o visconde de Maury, que atrás de meu sorriso trago presas tantas senhoras da côrte (*pausa.*) Mas nem me respondes? Uma palavra tua só bastará para me fazer feliz, dize que me amas!

ALICE.

E quem precisará do meu amor, vós sois nobre, rico e bello, tendes os amores das grandes senhoras a vossos pés; para que dizeis que me amais? E' possivel que aos olhos da grandeza o pequeno brilhe mais que o grandioso?

VISCONDE.

Mais que o sol não brilha a estrella, ella porém encanta e

apaixona emquanto que aquelle tisona a pelle e faz calor.

Tu és a estrellinha brilhante, que com teu brilho delicado encantas os olhos prendendo os corações aos teus olhares.

Escuta, Alice, e verás que eu tenho razão. Deixa esta vida obscura, deixa esta vida de miseria, entre nos salões deslumbrando e fascinando a todos, e não t'importes que a grinalda de teus cabellos e os brilhantes de teu peito sejam comprados com o teu amor.

Ama-me e terás tudo, riqueza, nome, e futuro.

ALICE, *deshumbrada.*

Seria possivel; oh! se eu quizera, mas que hei de fazer?

VISCONDE.

Amar-me.

ALICE.

E só isso bastará, ah! mesmo que não fosse para tanto eu vos amaria; amo-vos tanto, como a meu irmão, se o tivesse conhecido.

VISCONDE.

Obrigado, minha amiga, eu te agradeço de todo o meu coração, e te juro, que te protegerei toda vida! (*á parte.*) E' innocente a menina, é mais conveniente lançarmos mão do outro meio. (*O visconde tira uma garrafa de champagne, que estava em cima da mesa do centro e abre, enche dous copos, e offerece um a Alice.*)

ALICE.

Não bebo vinho, Sr. visconde.

VISCONDE.

Nem para fazer a minha saude?

(Alice vira o copo de champagne, enquanto o visconde despeja o seu pela janella do fundo.)

ALICE.

E' doce o champagne.

VISCONDE (*á parte.*)

E tu és minha!

## ACTO TERCEIRO

Quarto quadro. Alberto e a Marqueza.

O scenario representa uma sala do palacio do marquez. No fundo ha uma porta. ha outra do lado direito, que dá entrada ao quarto do visconde; outra do lado esquerdo, que dá para uma sala de espera.

A sala deve estar arranjada com todo o luxo; do lado esquerdo, na frente ha um divan.

### SCENA I

ALICE, só.

(Quando levantar-se o panno, vem entrando de vagar pela porta do fundo, com a cabeça baixa, e os braços cruzados para trás.)

Ah! meu Deos! ha um mez, que passo uma vida peor que a morte; ha um mez, que os sorrisos da Sra. marquez tornárão-se em olhares severos; ha um mez, que as criadas olhão-me com desprezo; ha um mez, que adormeci, e acordei deshonrada... perdida!... Ah! visconde de Maury, como me fizeste desgraçada; juraste amar-me para sempre, para lançar-me nas torturas da moribunda, que por sua infelicidade vê a morte sem poder morrer. Lá vem elle, com a Sra. marquez, ella ha de ser feliz com seu amor, porque é alta, e o visconde para fallar-lhe não precisa abaixar-se. Ella é feliz, porque seu marido dorme, enquanto o deshonra! (*Sahe pela porta do fundo.*)

### SCENA II

A MARQUEZA e o VISCONDE, que entrão pela porta da direita.

MARQUEZA.

Não sabes de uma cousa, visconde? estou com ciúmes de ti.

VISCONDE.

Qual o motivo, marquiza?

MARQUEZA.

Sentemo-nos, meu amigo, e conversemos. (*Sentão-se no divan.*)

VISCONDE.

Mas então, marquiza, qual o motivo?

MARQUEZA.

Estou desconfiada que amas a outra mulher, que não aquella a quem acabaste de jurar amar.

VISCONDE, *rindo-se.*

Quem será, marquiza? alguma duquesa?

MARQUEZA.

Qual! nem titular.

VISCONDE.

Como?

MARQUEZA.

Admirai-vos? os grandes senhores, para descansarem das conversações da corte, procurão muitas vezes pessoas do povo para não poder conversar.

VISCONDE.

Bem vedes, que se assim fosse, não era uma rival temível.

MARQUEZA.

Era sempre uma rival. Ainda quando me considere muito acima.

VISCONDE.

A imperatriz não é digna de mais respeito.

MARQUEZA.

Obrigada, visconde, estás muito lisongeiro... fallemos da minha rival.

VISCONDE.

Porém, marquiza, credes que eu possa pensar em uma mulher tão baixa...

MARQUEZA.

Muitas vezes estas mulheres podem muito; perguntai a Felipe o Bello, rei das Hespanhas, se apesar de já ser pai do primeiro homem do mundo, não gostava de descansar as horas que passava com Joanna, com as mouras, e as donzellas andaluzas.

VISCONDE.

Mas dizei-me, marquiza, quem é então a minha Aldara?

MARQUEZA, *rindo-se ás gargalhadas.*

A minha criada.

VISCONDE, *com cynismo.*

Palavra, que se não dicesseis, eu não adivinharia, marquiza; nem todas as flôres que se colhem, são capazes de excitar amor.

MARQUEZA.

Não a amais, pois bem, se eu despedi-la não vos zangareis, meu amigo?

VISCONDE.

Para acreditar nisso, era preciso crer no impossível.

MARQUEZA.

Pois vou despedi-la.

*(A marquezinha levanta-se, o visconde beija-lhe a mão e sahe pela porta da direita; a marquezinha pela do fundo.)*

## SCENA III

O MARQUEZ, *entrando pela porta esquerda com o chapéo na mão.*

E' triste, que um homem que chega até essa idade, sem ser deshonrado, com o beneficio que faz a um ingrato venha cobrir de vergonha suas cans.

E' triste, que o filho a quem abrimos as nossas portas, a quem abrimos nossos braços, venha cobrir de infamia o nosso nome.

Visconde Alberto de Maury *(com colera)*, zombaste de mim; esqueceste o amigo de teu pai, teu protector, por um momento de gozo. Para satisfazer uma vaidade, não fizeste caso de aviltar um nome nunca envilecido!

Até hoje tenho sido o amigo sincero, de hoje em diante serei o teu maior inimigo.

Ah! visconde, julgavas poder impunemente zombar do pobre velho! t'enganaste. *(Sahe pela porta do fundo.)*

## SCENA IV

ALICE, *só. (Entrando apressada.)*

Oh! céos; Sr. visconde, acudi-me... Expulsa desta casa!... que farei?... para onde ir se não conheço Paris?!

Sr. visconde, Sr. visconde. *(Batendo na porta.)* Elle não ouve! ingrato! antes eu tambem fosse surda quando elle me chamava á deshonra. Por Deos, senhor, ouvi-me!... *(bate.)*

## SCENA V

ALICE e. o VISCONDE.

VISCONDE, *com ira.*

Com effeito!!... que tenho eu com tuas mágoas; deixa-me.

ALICE, *friamente.*

Como está mudado!... ha um mez, Sr. visconde, vós me fallaveis tão humildemente... *(com raiva)* mas sabeis porque?

O visconde Alberto de Maury é um homem sem honra.

VISCONDE, *com arrogancia.*

Mulher!

ALICE, *attiva.*

Sim, nesta occasião querieis seduzir uma pobre moça, e como ella te offereceu a taça núa, encheste-a de veneno! Temieis que Deos a favorecesse e deste-lhe um narcotico, para que essa mulher dormisse, e quando despertasse deshonrada, não podesse saber quem era seu roubador!

Fizestes mãi esta mulher, e como vedes breve o fructo deste crime, como vos julgais indigno de ser pai, quereis apunhalar de desgostos a mãi, para não nascer o filho!

*(Humildemente.)* Tende pena de mim, que desgraçada não tenho arrimo na terra, e do céo pouco tenho a esperar; tenho um filho no seio, e esse filho é vosso tambem

VISCONDE.

E posso saber que é meu? dai-me uma prova.

ALICE, *com desprezo.*

E precisais della?

VISCONDE.

Sem duvida, porque pôde ser de outro, que tenha empregado os mesmos meios que eu.

ALICE, *com ira.*

Não, Sr. visconde, que como Alberto de Maury não lia homem algum, vós sois um miserável. Compraste a honra de uma mulher e nunca lhe pagastes a divida, entra-vos pela porta o credor, pedis que vos apresente os papeis.

E não sabeis que esta mulher não vos conhecia, para vos pedir em troco de seu juramento uma letra de cambio? Pois bem, adeos, visconde, guardai o vosso juramento esquecido de vossa memoria; desprezai vosso filho, porque sois indigno de ser pai. *(O visconde atira-lhe uma bolsa.)* Utilizai-vos do vosso ouro para gastar nas orgias e nos lupanares; não insulteis porém a mãe que pede o que lhe pertence, dando-lhe uma esmola. Eu, o que queria era um nome para dar a meu filho, porque elle é innocente, e por minha culpa não devia soffrer a vergonha; vós porém me negais, pois guardai vossos titulos, e vosso nome, eu não preciso delles.

Direi a meu filho, teu pai é um miserável, não me perguntes seu nome, para não corâres diante delle. Adeos, visconde, um dia serei vingada. *(Saihe apressadamente.)*

VISCONDE, *com um riso cynico.*

Como é parva esta mulher!...

## ACTO QUARTO

## Quinto quadro. O ciúme do marquez.

O scenario representa uma sala, que é o aposento do visconde em casa do marquez.

Tem duas portas, uma do lado esquerdo que dá para a sala, e uma no fundo, que dá para uma escada que vai salir á rua.

O quarto deve ser mobiliado com gosto e simplicidade; do lado esquerdo no fundo, ha um divan aonde o visconde está deitado, tendo em uma mão um volume de Alfredo de Musset.

Ao levantar-se o panno, o visconde levanta-se do divan, e chega-se á frente da sala.

## SCENA III

O VISCONDE.

Como é louco Alfredo de Musset: fazer Jacques Rolla morrer por não ter mais dinheiro!! *(rindo-se ás gargalhadas.)* Pelo que vejo, tenhas tenção de me aconselhar que zesse o mesmo. Morrer, por não ter dinheiro!... E' quando exactamente o homem deve viver, que é para apreciar a vida de todos os modos!... E' verdade, que morrer como o libertino Rolla, não é das peiores cousas... nos braços de uma mulher bella, a quem se ama, não é tão ruim. Mas... em todo o caso não quero experimentar; ha de ser mais bonito viver, e com toda a certeza mais agradável.

*(Entra um criado.)*

CRIADO.

O Sr. marquez pergunte a V. Ex. se pôde recebê-lo agora.

VISCONDE.

Diga ao Sr. marquez que estou ás suas ordens. *(O criado saihe.)*

Que me quererá o marquez? Dar-se-ha acaso que ainda sejam conselhos que elle me queira dar? Esse marquez é um bom homem na extensão da palavra.

## SCENA II

## O MARQUEZ e o VISCONDE.

MARQUEZ.

Bons dias, Sr. visconde.

VISCONDE.

Sr. marquez (*comprimenta-o.*)

(*O marquez fecha a porta.*)

Que faz, Sr. marquez; dar-se-ha acaso...

MARQUEZ.

Preciso fallar-lhe em particular, e é necessario que ninguem nos ouça.

VISCONDE.

Sentemo-nos... (*senta-se.*)

MARQUEZ.

Eu prefiro estar de pé.

VISCONDE.

Ficai á vossa vontade.

MARQUEZ, *com raiva.*

Obrigado; (*depois de uma pausa*) visconde, quanto vale uma mulher casada?

VISCONDE.

Para me fazeres esta pergunta é que viestes aqui?

MARQUEZ, *cynicamente.*

E' verdade; queria saber quanto me deves...

VISCONDE, *pallido.*

Não vos comprehendo, Sr. marquez; (*á parte*) saberá de tudo?

MARQUEZ.

Como não me comprehendes, queres obrigar-me a dizer-te que minha mulher deshonorou meu nome, seduzida por um infame? queres que te diga o nome deste perverso?

VISCONDE, *com orgulho.*

Senhor!...

MARQUEZ.

E ainda ousas levantar a voz! Alberto de Maury, silencio para que ninguem te ouça.

E julgavas, insensato, que não me havia de vingar por ser um velho.

VISCONDE.

Quereis um duello, eu aceito-o.

MARQUEZ, *com escarneo.*

Covarde, que ousas propôr um duello a um velho, porque contas certa a victoria; e não sabes, miseravel...

VISCONDE, *com raiva.*

Sr. marquez!...

MARQUEZ.

És bastante injusto; deshonoraste-me, e não queres que eu me queixe! Ouve; não me bato contigo, primeiramente porque és indigno de cruzar a espada com um homem cavalheiro!

VISCONDE.

Abusais, por demais, de estardes em vossa casa; por serdes um ancião; tomai cautela, que posso esquecer quem sois...

MARQUEZ.

Que mais me poderás fazer, que já não tenhas feito; des-honraste meu nome; que mais me resta?

VISCONDE.

Estais enganado...

MARQUEZ.

Oh! é demais, queres me pedir uma prova!...

VISCONDE.

Certamente.

MARQUEZ, tirando do bolso uma carta.

Lêde; conheces a letra?

VISCONDE.

Esta carta! oh! é uma infamia.

MARQUEZ.

E quem nega o que dizes; é uma infamia. E tu que a escrevias ao teu amigo Saint-Bernard, o que és?

VISCONDE.

Não é minha!

MARQUEZ.

Não me obrigues a chamar o criado a quem a deste para pôr na posta, e de quem recebi.

VISCONDE.

E quem vos autorizou a abrir uma carta minha?

MARQUEZ.

A desconfiança que eu tinha do teu crime, e a certeza de tua leviandade. Mas isto não ficará impune, o acaso deu-me uma vingança, é a única cousa que eu possuo, e que desafio a roubar-me.

VISCONDE, com desprezo.

O que quereis fazer?

MARQUEZ.

Ouve. Depois da leitura de tua carta, fiquei como um louco, sahi pelas ruas de Paris sem saber por onde andava; quando dei accordo de mim, estrava no quarteirão Latim, estava todo molhado, e a chuva continuava a cair; ia procurando uma porta onde me abrigasse pa a esperar um carro, quando ouvi um grande susurro em uma casa defronte; entrei; junto ao cubiculo do porteiro havia uma mesa de jogo. De um lado sobre um leito chorava uma mulher.

Approximei-me da mulher, ella olhou para mim e cobrio a cara; a misera teve vergonha, eu conheci-a...

VISCONDE.

E' alguma conquista, Sr. marquez?

MARQUEZ.

Tive desejos de perguntar-lhe o que era; sua vergonha me disse; quiz perguntar-lhe como tinha cahido naquelle estado; a mesa do jogo forneceu-me um meio.

VISCONDE, aborrecido.

Mas que tenho eu com isso?

MARQUEZ.

Escuta ; apenas cheguei á mesa dos jogadores, um exclamou—Minha amante, por cem francos—. Sem perceber bem o que isto quereria dizer, mandei correr. Ganhei ; explicárão-me então que aquella noite era minha ; o jogador, depois de perder toda a sua bolsa, tinha perdido sua amante. Approximei-me outra vez da moça, ali estavamos sós, todos se tinham retirado. « Moça, disse-lhe eu, não chores. »

Pois que a mulher chorava já ha mais de uma hora.

Ella então levantando-se, disse-me : « Sr. marquez, não me procure consolar, a fatalidade me tem perseguido desde o berço. Estou acostumada a soffrer. » Não sei porque, pela primeira vez, depois de a ter conhecido ha tanto tempo, tive uma idéa. Pedi-lhe que me contasse sua historia.

VISCONDE.

Ah, ah, ah ! (*rindo-se*) aposto que me quer contar a historia !

MARQUEZ.

Ri e escarnece della, depois sentirás.

VISCONDE.

E porque ?

MARQUEZ.

Ouve o que ella me disse (*toça a rabeca um tremulo.*) « Desde o berço a fatalidade acompanhou-me, logo que nasci perdi meu pai, fiquei só na terra com minha mãe ; ella falava ás vezes em um irmão meu, eu porém nunca o vi. Poucos annos depois expirou minha pobre mãe, teria eu nove annos. » Perguntei-lhe como se chamava sua mãe. « Amelia, » ella respondeu.

VISCONDE, *admirado.*

Nove annos ; Amelia sua mãe !!!

MARQUEZ.

Perguntei-lhe se era titular, respondeu-me que não sabia. Depois continuou :

« No dia seguinte ao da sua morte partimos de Alençon.

VISCONDE.

Alençon !...

MARQUEZ.

Partimos... eu, e um Sr. duque (não me lembro do titulo) partimos para Pariz ; ao chegarmos á noite fomos sorprendidos por ladrões, o duque morreu em suas mãos, e eu desmaiei.

« No dia seguinte de manhã, eu despertei, viajando na garupa de um cavalleiro.

« Era um dos bandidos, que tendo-se compadecido da minha sorte, levava-me para Pariz para a casa de sua mãe.

« Esta mulher, porém, maltratou-me tanto, que no fim de quatro annos eu fugi de casa ; foi então, Sr. marquez, que me fiz criada. »

A mulher não continuou, porque começou a tremer, e eu aconselhei-lhe de ficar calada, e deixei-a.

VISCONDE, *admirado.*

Mas esta mulher é minha irmã ?

MARQUEZ.

Estou certo que sim.

VISCONDE, *admirado ainda.*

Mas o que quer dizer esta casa, estes jogadores ?

MARQUEZ.

Quereis saber?

VISCONDE.

Fallai depressa, marquez.

MARQUEZ.

Quer dizer que não é impunemente que se insulta um amigo; quer dizer que eu estou vingado!

VISCONDE.

Meu Deos! onde está ella?

MARQUEZ.

Vou tomar men chapéo; esahiremos juntos. *(O marquez sahe.) (Entra a marqueza.)*

## SCENA III

O VISCONDE e a MARQUEZA.

MARQUEZA.

Visconde!...

VISCONDE.

Deixai-me senhora, o vosso amor é maldito. *(Sahe.)*

## SCENA VI

A MARQUEZA e o MARQUEZ.

MARQUEZA, com amor.

Oh! ha dous dias que vos não tenho visto, marquez!

MARQUEZ, sem dar attenção ao que ella lhe diz, e com severidade.

D'ora em diante tereis toda a liberdade, Sra. marqueza; este palacio será vosso, podereis receber aqui quem fôr do vosso desejo. Parto amanhã para fóra da França, e desde já vos faço as minhas despedidas.

MARQUEZA.

E quando voltais?

MARQUEZ.

E para que quereis saber? temeis acaso que vos venha perturbar nos vossos prazeres? Adeos, para sempre! eu vos deixo entregue ás folias da mocidade, e aos remorsos da velhice. *(Quer sahir.)*

MARQUEZA, detendo-o.

Mas porque me deixais?

MARQUEZ.

Sra. marqueza. *(Comprimenta-a e sahe.)*

MARQUEZA, com um riso cynico.

Passe muito bem, Sr. velho!...

## ACTO QUINTO

### Sexto quadro. A vingança.

A scena fica dividida em duas partes : uma á direita, e outra á esquerda.

A da esquerda, que deve ser dous tantos da outra, representa uma sala mal mobiliada, onde ha uma cama do lado esquerdo na frente ; uma cadeira ao pé da cama.

Na cama acha-se deitada Alice ; na cadeira está sentado o medico.

A da direita representa um corredor por onde entra-se no quarto de Alice.

Apenas levantar-se o panno, o medico, que tem acompanhado os movimentos de Alice, levanta-se.

### SCENA I

ALICE e o MEDICO *na sala da esquerda.*

MEDICO *(á parte.)*

Pobre moça ! é impossivel salva-la. *(Alto)* Como se acha agora, Alice, estás melhor ?

ALICE.

Melhor ? *(ri-se)* Doutor, não desmintas o teu estudo, sabes perfeitamente que meu mal é sem remedio, e demais já estou quasi toda morta.

MEDICO.

E assim descrês da sciencia ; oh ! Alice, tem esperanças, que te hei de salvar...

ALICE.

Seria impossivel ; como crer em uma cousa contraria a outra que temos certeza ?

MEDICO.

O teu estado não é bom, mas tambem não é sem remedio ; a medicina póde muito.

ALICE.

Quero acreditar no que dizes; mas para que viver, quando mesmo seja possível, quando soffro tanto! viver, quando já perdi a alma, quando só tenho uma vida de vergonha!

MEDICO.

E fallas em morrer, Alice? sabes acaso o que é morrer?

ALICE.

Seja o que fôr, meu amigo; não pôde ser peor que a minha existencia.

MEDICO.

Queres morrer, porque não sabes ainda como é triste o ver apagarem-se todas as luzes deste mundo, ver fugir a terra, as esperanças, os prazeres...

ALICE.

E que m'importa o mundo e os seus prazeres? eu os aborreço. O mundo é uma estrada; a vida é um pesadello.

Emquanto adormecidos sonhamos em percorrer esta estrada, vivemos; quando chegamos ao fim, acordamos morrendo.

Ha um único instante na vida do homem, que elle se purifica do ornato externo, e torna-se tal qual é; é no momento ultimo; ali é que vem o arrependimento; ali é que se soffre.

O inferno é a vida em seus prazeres, em suas vaidades, é a vida até os ultimos momentos.

D'ahi até a morte lava-se os peccados da terra, está-se no purgatorio.

Quando acorda-se do sonho para não sentir mais nada,

entra-se no céu, porque só sem sentir é que se não soffre.

Já estou despida de vaidades, estou simples e franca...  
(*Entrão no corredor da direita o marquez e o visconde.*)

Doutor, estou morrendo!

VISCONDE *ouvindo esta ultima palavra, chega-se á porta e escuta.*

Morrendo!...

MEDICO, *dentro.*

Para que te martyrisas, fallando nestas cousas?

ALICE.

Espera, meu amigo... (*descansa um pouco.*)

MARQUEZ, *fóra ao visconde.*

Então, vês bem aquella mulher, pois bem, é tua irmã, é Alice!

VISCONDE.

Minha irmã?!... (*bate.*)

MARQUEZ.

Espera, não a acordes, ella parece dormir! Mas, visconde, repara bem para aquelle semblante, vê se a nunca viste?

VISCONDE.

Nunca conheci minha irmã senão muito pequena, é impossível reconhecê-la agora!

MARQUEZ.

Olha sempre, pôde ser que te recordes!...

(*Visconde espia.*)MEDICO (*á parte.*)

Oh! Alice, quanto eu desejo salvar-te!...

VISCONDE.

Oh! ella morre; marquez, é preciso que eu lhe falle antes...

MARQUEZ.

Escuta antes, quem é esta mulher.

(*Alice falla.*)

VISCONDE.

Deixai-me marquez; ella falla...

ALICE.

Meu amigo, lastimas que eu morra, porque não sabes o que tenho soffrido; para mim a morte é uma felicidade. Filha de pais ricos, vi-me orphã, poucos annos depois de nascer... fui prisioneira de salteadores, vendi meus serviços para ter um pão!...

VISCONDE (*á parte.*)

Emquanto que eu vivia rico... pobre irmã!

MARQUEZ.

Choras!... pois eu rio-me.

VISCONDE.

Deixai-me!

MARQUEZ, *apontando para dentro.*

Ainda a não reconheceste?

ALICE.

Depois um homem seduzio-me e abandonou-me. Este homem foi um malvado, mas eu perdo-lhe.

MARQUEZ.

Não a conheces, visconde?

ALICE.

Louca, sem protecção, sem arrimo andei pelas ruas da cidade, quando perdi as forças cahi em uma porta.

VISCONDE.

Pobre Alice.

MEDICO.

Oh! não te incomodes contando esta historia, Alice.

ALICE.

Preciso confessar-me, e não tenho outra pessoa senão vós, meu amigo.

VISCONDE.

Coitada!

MARQUEZ.

E nem ao menos um padre para ouvir sua confissão!... (*rindo-se*) vês, visconde, quem diria que tua irmã morreria assim?

VISCONDE.

Piedade!

ALICE.

De noite acordei em um leito, ao som de dansados infernaes e cantorias indecentes; levantei-me, cheguei até á porta do quarto, olhei para dentro e vi uma cousa que nunca tinha visto; depois soube que era uma orgia. A necessidade obrigou-me a comprar o pão para comer, á custa do meu corpo.

Perdi o coração e fui vendida!

VISCONDE.

Vendida!

VISCONDE.

Oh! ella morre; marquez, é preciso que eu lhe falle antes...

MARQUEZ.

Escuta antes, quem é esta mulher.

*(Alice falla.)*

VISCONDE.

Deixai-me marquez; ella falla...

ALICE.

Meu amigo, lastimas que eu morra, porque não sabes o que tenho soffrido; para mim a morte é uma felicidade. Filha de pais ricos, vi-me orphã, poucos annos depois de nascer... fui prisioneira de salteadores, vendi meus serviços para ter um pão!...

VISCONDE *(á parte.)*

Emquanto que eu vivia rico... pobre irmã!

MARQUEZ.

Choras!... pois eu rio-me.

VISCONDE.

Deixai-me!

MARQUEZ, *apontando para dentro.*

Ainda a não reconheceste?

ALICE.

Depois um homem seduzio-me e abandonou-me. Este homem foi um malvado, mas eu perdo-lhe.

MARQUEZ.

Não a conheces, visconde?

ALICE.

Louca, sem protecção, sem arrimo andei pelas ruas da cidade, quando perdi as forças cahi em uma porta.

VISCONDE.

Pobre Alice.

MEDICO.

Oh! não te incomodes contando esta historia, Alice.

ALICE.

Preciso confessar-me, e não tenho outra pessoa senão vós, meu amigo.

VISCONDE.

Coitada!

MARQUEZ.

E nem ao menos um padre para ouvir sua confissão!... *(rindo-se)* vês, visconde, quem diria que tua irmã morreria assim?

VISCONDE.

Piedade!

ALICE.

De noite acordei em um leito, ao som de dansados infernaes e cantorias indecentes; levantei-me, cheguei até à porta do quarto, olhei para dentro e vi uma cousa que nunca tinha visto; depois soube que era uma orgia. A necessidade obrigou-me a comprar o pão para comer, à custa do meu corpo.

Perdi o coração e fui vendida!

VISCONDE.

Vendida!

MARQUEZ.

E te admiras...

ALICE.

Mil vezes morri de vergonha ; oh ! meu amigo, não podes imaginar o que soffri porque não sabes o que é a meretriz.

Pobre urna de bronze onde todos vêm deitar seu —obulo— para comprar um beijo !

Vendi meu corpo ; meus sorrisos, meus olhares erão movidos pelas bolsas.

Oh ! quantas vezes quando eu sorria banhava a alegria com as lagrimas que chorava dentro do coração.

Soffri tanta vergonha, que com pejo de mim mesma matei meu filho no meu seio, por não me julgar capaz de ser mãe.

MARQUEZ.

E sabes de quem era este filho, visconde !

VISCONDE.

Deixai-me ouvi-la.

ALICE.

Oh ! mil vezes morri de vergonha no meio dos lupanares, mil vezes a taça da mão do libertino me veio despertar do somno ; aordei para morrer agora.

MEDICO, *chora.*

Cala-te, Alice, se me não queres matar com tuas palavras...

ALICE.

Porque choras, meu amigo ? é uma mulher de menosna terra, outra virá substitui-la, é uma luz de saturnal que se

apaga ao sopro da ventania do cemiterio... outra luz ha de se allumiar em seu lugar. (*Encosta a cabeça para atrás e descansa ; o medico esconde o rosto e chora.*)

MARQUEZ.

Visconde, é bello este quadro.

VISCONDE.

Por piedade, deixai-me, marquez, não vèdes que padeço tanto !...

MARQUEZ.

Não padeces ainda bastante. O homem que esqueceu a honra pelo cynismo, que arrancou da cabeça de uma virgem uma grinalda para atira-la na rua, que deshonorou seu amigo velho por uma vaidade não pôde entender que já está punido.

VISCONDE.

Marquez, deixai-me que já tenho o coração despedaçado, deixai-me que tenho padecido de mais.

MARQUEZ.

Ha algumas horas que soffres, e já entendes que tens soffrido mais que eu ?

VISCONDE.

E que maior desgraça ha sobre a terra ?

MARQUEZ.

E achas então que me não posso vingar completamente...

(*O marquez fica olhando para o visconde, o visconde abaixa a cabeça.*)

ALICE.

Doutor, eu morro; uma luz, e uma oração...

MEDICO.

O que tens, Alice? (*Alice que havia levantado a cabeça encosta-a de novo no travesseiro.*) Mas ella não me responde!... (*apalpa-lhe os pulsos.*)

MARQUEZ.

Queres saber mais, esta mulher que sabes que é tua irmã, é a mesma Alice a quem deshonraste.

(*O visconde lança-se á porta que é metade da vidraça, arromba-a e entra na sala.*)

MEDICO, *sem dar a perceber que ouviu o barulho.*

Morta!...

VISCONDE, *pára defronte, olha-a e chegando-se para pero do marquez que tinha entrado depois delle dá uma gargalhada.*

Morreu!...

(*O medico fica extatico.*)

VISCONDE.

Morreu!... (*dá outra gargalhada.*)

MARQUEZ.

Oh! meu Deos, está louco o infeliz; visconde, visconde!... mas elle não responde; friamente olha para o cadaver; medico, salvai-o se é possível.

(*O medico aproxima-se do visconde, elle repelle-o docemente, aponta para o cadaver, rindo-se com ar sinistro.*)

VISCONDE.

Morreu!...

